

A Heterogeneidade das Elites Brasileiras e as Estratégias Distintas na Obtenção do Sucesso Escolar

Daiani Damm Tonetto Riedner¹

Jacira Helena do Valle Pereira²

Resumo

Este estudo bibliográfico busca compreender quais são os diferentes grupos da elite identificáveis nos estudos sobre a escolarização das elites e quais as estratégias têm sido acionadas pelas famílias para garantir o sucesso escolar dos filhos nos diferentes grupos da elite. Perscruta possíveis respostas a essas questões ao incursionar nas leituras do referencial teórico no qual está circunscrito o objeto em foco. Sem a pretensão de findar a discussão, consideramos que esse exercício teórico contribuiu para elucidar conceitos e estabelecer as relações necessárias para compreender que há diferentes grupos de elite, que possuem peculiaridades específicas, mas que se caracterizam pela consciência de si e pelo reconhecimento dos outros, por se tratar de um grupo distinto, não só pela posse de capital econômico, mas também pela posse de capital cultural, social e escolar e que as estratégias escolares são resultantes de habitus determinados, construídos de acordo com as condições específicas de cada grupo familiar e com base nos capitais possuídos pelo grupo.

Palavras-chave: Elites. Estratégias. Sucesso escolar.

¹ Aluna do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (Gepase/UFMS). Bolsista Capes. dai.dtr@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPEGEDu/UFMS). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (Gepase/UFMS). jpereira.dou@terra.com.br

THE HETEROGENEITY OF BRAZILIAN ELITES AND THE DISTINCT STRATEGIES IN OBTAINING THE SCHOOL SUCCESS

Abstract

This bibliographical study seeks to identify what are the different elite groups that the academic papers on schooling elites presents and what strategies families use to ensure the school success of their children. Without attempting to end the discussion, we believe that this exercise helped to clarify theoretical concepts and to understand that there are different elite groups, which have singularities, but which are characterized by consciousness of self and recognition of the others, because it is a distinct group, not only by the possession of economic capital, but also because the possession of cultural, social and school capital and that school strategies are the result of certain habitus, which is built according to the conditions of each family group and based on the capital owned by the group.

Keywords: Elites. Strategies. School success.

Nogueira observa que, após a publicação de “Os Herdeiros,³” em 1964, desencadeou nas análises sociológicas a ideia de hereditariedade cultural. “[...] Tornava-se necessário conhecer e explicar as causas, o processo (o desenrolar), os resultados de trajetórias e estratégias escolares variáveis segundo as diferentes categorias sociais [...]” (Nogueira, 1991, p. 1).

Tendo como base estudos empíricos notadamente franceses, consideramos que esse trabalho é um marco para a construção de um objeto de pesquisa que apontou no campo da Sociologia da Educação como uma necessidade de “[...] se atentar para certos aspectos relativos a essas estratégias e comportamentos que permanecem ainda, em boa parte, fora da mira do sociólogo da educação” (Nogueira, 1991, p. 18).

Os estudos desenvolvidos no Brasil, no entanto, que envolveram a escolarização das elites, indicam uma realidade bastante diferenciada do contexto da França, sendo importante destacar que, no Brasil, a valorização da alta cultura, o domínio de conhecimentos científicos e a obtenção de títulos universitários em universidades de grande prestígio não podem ser comparados aos mesmos segmentos relacionados à sociedade francesa.⁴

Estudar a escolarização das elites ou classes dominantes no Brasil, até pouco tempo, era tratar ainda de um tema “tabu” na pesquisa em educação, pois “Num país com milhões de analfabetos, com carências institucionais e humanas, preocupar-se com a formação dos ricos parecia um luxo supérfluo” (Cattani; Kieling, 2007, p. 176). Essa situação, contudo, vem se modificando e os trabalhos vêm deslocando o olhar da desvantagem social para o privilégio. (Nogueira, 2004a).

³ Primeiro livro de P. Bourdieu em colaboração com J. C. Passeron consagrado à Sociologia da Educação.

⁴ Almeida (2011, p. 54) alerta que “[...] para se fazer de forma apropriada a transposição da análise, seria necessário encontrar um meio de se captar o estado de organização específico de cada sociedade num momento dado para evitar cair na armadilha de tornar as atividades identificadas, naquela conjuntura especificamente francesa, como trazendo em si uma natureza superior ou mais capaz de produzir posicionamentos privilegiados no espaço social.”

“No Brasil, ainda não logramos desenvolver uma tradição de estudos sobre o tema das relações que as famílias mantêm com a escolaridade dos filhos” (Nogueira; Romanelli; ZAGO, 2008, p. 9). Isto posto, consideramos que estamos num campo ainda pouco explorado na pesquisa em educação e se apresenta como um desafio, visto que ainda não há uma organização, classificação, levantamento ou um “[...] ‘estado da arte’ das diferentes tendências temáticas e teórico-metodológicas dos estudos que abordam as relações entre as famílias e a educação escolar, no Brasil” (Nogueira; Romanelli; Zago, 2008, p. 10).

Estudar os processos específicos de produção e reprodução desenvolvidos pelas frações das classes que estão no topo da pirâmide social é indispensável para se compreenderem as relações de dominação, de exploração e de sociabilidade. A legitimidade das classes dominantes é construída graças a múltiplas formas, valendo-se da utilização de recursos culturais e educacionais distintos das classes menos favorecidas (Cattani; Kieling, 2007, p. 183).

É notório que “[...] o acesso aos vários níveis do sistema educacional depende da origem socioeconômica dos estudantes (Paul, 1989; Schwartzman, 1992), o que coloca em pauta as condições econômicas e culturais das famílias” (Romanelli, 2008, p. 101). Dessa forma, no processo de escolarização, o sucesso escolar pode depender diretamente do capital cultural investido previamente pela família, que através de suas “[...] ações materiais e simbólicas, tem um papel importante da vida escolar dos filhos [...]” (Zago, 2008, p. 20).

Sabemos que há diferentes tipos de elite, que possuem peculiaridades específicas, mas que se caracterizam pela consciência de si e pelo reconhecimento dos outros, por se tratar de grupos diferenciados. A visão que é construída por esses grupos não deixa de ser um mecanismo de dominação sobre os outros e interfere diretamente no processo de escolarização.

Nesse sentido, destacamos e analisamos alguns estudos, a fim de identificar a composição dessa elite, bem como as estratégias que são postas em prática no processo de escolarização dos filhos.

A formação das elites no Brasil: primeiras aproximações

É um terreno escorregadio, no Brasil, falar de uma classe dominante que seja homogênea e que desempenhe ações políticas ajustadas, haja vista “[...] a dispersão política, a falta de homogeneidade cultural [...]” (Cattani; Kieling, 2007, p. 174). Embora os dados censitários nos deem algumas informações sobre a ideia da formação das elites no Brasil, esses dados são baseados em fatores econômicos e pouco nos dizem sobre as questões culturais que podem configurar outros grupos da elite, como as elites acadêmica e cultural, por exemplo.

Para compreender a formação das elites ou dos “muito ricos”, na expressão de Mills (1962), é necessário compreender primeiro a estrutura econômica e política do país onde as elites se constituem e, no caso do Brasil, que possui características geográficas continentais e peculiaridades regionais, é necessário entender também a estrutura econômica, social e política local.

As escolas que os muito ricos frequentam são empreendimentos comerciais altamente rentáveis, que contribuem para a formação das elites (Cattani; Kieling, 2007). A educação institucionalizada constitui-se em uma etapa importantíssima no processo de socialização daqueles que serão futuros detentores da riqueza e dos privilégios que ela pode trazer.

A opção de utilizar o termo “elite” deu-se pelo fato de que as pesquisas⁵ existentes sobre a escolarização das “classes dominantes”, “classes abastadas” ou “ricos” têm empregado o termo “elites” para tratar dos grupos em discussão.

Por elites estamos entendendo, portanto, aqueles grupos que se situam no ápice da estratificação social; posição social garantida ou por tradição familiar (os “herdeiros”) ou por capitalização em suas trajetórias de uma estrutura e

⁵ Podemos destacar: Almeida e Nogueira (2003), Cookson Jr. e Persell (2003), Grün (2003), Nogueira (1997), Nogueira (1998a), Nogueira (2003), Nogueira (2008), Nogueira e Aguiar (2007), Pinçon e Pinçon-Charlot (2003), Prado (2008), Romanelli (2008).

volume de capital que permitem o trânsito por campos valorizados socialmente, com a respectiva possibilidade de ampliar a estrutura e volume de capitais que já possuem (Brandão, 2003, p. 41-42).

Historicamente o termo “elite”⁶ foi utilizado pelos grupos da aristocracia para justificar os seus privilégios e manter distância das classes menos favorecidas. A partir de então, “elite” passou a indicar os indivíduos ou grupos de indivíduos que detivessem o poder econômico e político ou então uma maior influência social, cultural ou artística (Martinez, 1997).

Além disso, o termo “elites”⁷ pode ser adotado para se referir criticamente, porém no sentido negativo, aos grupos privilegiados economicamente, que possuem influência social e política, e que se beneficiam desse poder. Para os idealizadores⁸ da teoria das elites – Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto – as minorias detentoras do poder econômico e que tivessem influência social, teriam aptidão para dirigir, além de apresentarem esforço e dedicação em tudo o que fazem, exigindo muito mais de si mesmas do que das outras pessoas (Ortega; Gasset, 1987 apud Martinez, 1997).

Mills (1962), ao analisar a sociedade norte-americana, buscou delinear um perfil da elite, considerando que a base do poder estaria dominada pelo campo econômico, político e pelo militar. Dessa forma, as demais instituições da sociedade, tais como a família, a escola e a igreja, poderiam estar subordinadas a esses domínios.

⁶ A palavra elite é derivada do francês e foi escolhida por Pareto para representar as minorias dirigentes, os eleitos, que têm aptidão para dirigir. Para Bottomore (1965, p. 6), “A palavra elite é usada com muita frequência, tanto no plural como no singular, nas mais variadas situações e, às vezes, adquire sentidos antagônicos. Ora ela aparece como conotação positiva, elogiosa, realçando qualidades de indivíduos ou grupos, ora tem conotação negativa, crítica, responsabilizando pessoas ou segmentos da sociedade pelas injustiças e desigualdades sociais.”

⁷ No âmbito brasileiro, uma coletânea de estudos sobre elites foi organizada por Heinz (2006), numa tentativa de “[...] retirar a carga moral ou normativa típica do termo “elite”, procurando atribuir-lhe um significado mais sociológico, de modo a enfatizar as vantagens decorrentes de um conceito desprovido de quaisquer que sejam as valorações normativas” (Costa; Gouvêa, 2007, p. 251).

⁸ Uma análise comparativa dessas duas teorias está disponível em Bottomore (1965).

A elite seria composta, então, por uma minoria dos indivíduos mais influentes na sociedade e todos teriam consciência do pertencimento a uma classe social, que possibilitaria manterem entre si diversos tipos de relações como negócios, casamentos e círculos de convivência, que seriam totalmente diferentes das relações que manteriam com os outros indivíduos, da chamada não elite.

Podemos compreender que, para Mills (1962), o que predomina na definição e caracterização das elites é a posse do poder econômico, bem como a competência de usar esse poder, tendo como referência a posição que o indivíduo ocupa dentro das instituições sociais que ele considera detentoras do poder.

Tendo clareza do caráter plural desse termo/conceito, não estamos considerando-o como uma simples dicotomia entre elite/massa, mas sim em um caráter mais abrangente, de cunho sociológico, que foge da caracterização clássica de elite, baseada na homogeneidade e no uso do poder econômico e político (Costa, 2008). A complexidade em construir uma definição da ideia de “elites” se dá justamente porque estamos admitindo diferenciações que podem considerar desde a posse de bens materiais até atributos simbólicos.

Entendemos que estamos trabalhando com uma fração das elites, que é resultante de combinações heterogêneas de capitais cultural, econômico, social, simbólico, escolar e *habitus*. Assim como Costa (2008, p. 456, grifo do autor), estamos pensando nas elites como “[...] detentoras de oportunidades e recursos pouco acessíveis às ‘massas’, em disputas pelo controle de tais recursos, os quais conferem oportunidades vantajosas de poder, prestígio e riqueza.”

Dessa forma, na tentativa de construir uma ideia das elites, é preciso considerar que pertencer às elites não necessariamente diz respeito à posse de bens materiais e capital econômico. A posição que os indivíduos têm no contexto econômico, social e cultural, bem como o seu nível de escolarização, seu estilo de vida, tipos de consumo cultural, profissão, *status* diferenciado e prestígio social, vão configurar esse grupo que denominamos de “elites”.

Ao trazermos essa discussão para a perspectiva bourdieusiana, compreendemos que, para Bourdieu (2008, p. 26), a existência de classes “[...] é um alvo de lutas. [...] Negar a existência de classes [...] é, em última análise, negar a existência de diferenças e diferenciações.” Sendo assim, as lutas não são travadas objetivamente na defesa de posicionamentos entre as classes, mas são lutas simbólicas, que ocorrem nos espaços de disputa do poder pela legitimidade dos estilos de vida da classe. É uma luta de classificações, “[...] cujo princípio é o da diferenciação entre os agentes sociais quanto às suas propriedades e disposições. Em suma, lutas incessantes entre os agentes para ‘*classificar e para se classificarem*’” (Nogueira, 1997, p. 127, grifo da autora).

Assim, se definimos “elite” como um grupo que detém poder, estamos, ao mesmo tempo, dizendo que a elite é um grupo que ocupa uma posição dominante (i. e., uma posição que fornece aos seus membros um *quantum* maior de capital). Ter (mais) poder significa ter (mais) recursos que a posição objetiva (dominante) coloca à disposição dos agentes (dominantes) – valendo o inverso para os dominados (Perissinotto; Codato, 2008, p. 12, grifo do autor).

Se considerarmos que, dentro do espaço social de diferenciações (classe social), o princípio que vai classificar e diferenciar os agentes dentro de um campo específico é o seu volume de capitais – econômico, cultural, social, simbólico, escolar e os seus *habitus* – entendemos que o “poder” que as elites detêm, na perspectiva bourdieusiana, pode ser sinônimo de “capital”, traduzido pela posse de uma determinada quantidade de bens culturais, materiais e simbólicos dentro de um campo específico.

Classe social e escolarização

É dentro do espaço social que Bourdieu (2007) afirma a existência de dois princípios de diferenciação, a saber: o capital econômico e o capital cultural. E são esses princípios que condicionam a distribuição dos agentes ou grupo de agentes dentro do espaço social.

Para Bourdieu, as estruturas da sociedade operam como um jogo, um jogo social no qual os agentes são os jogadores em campos determinados pelo seu nível de capital econômico, social e cultural, e onde “[...] a ação estratégica torna-se rapidamente uma luta para conservar ou para subverter os poderes dominantes no interior do campo” (Burawoy, 2010, p. 34). Para Bourdieu (2007, p. 108, grifo do autor), as “diferenças” que separam as frações de classe são “[...] definidas por *estruturas patrimoniais* diferentes, ou seja, por formas diferentes da distribuição de seu capital global entre as espécies de capital.”

O volume e a estrutura dos diferentes capitais⁹ possuídos pela família é que vão definir os índices de consumo cultural e a distribuição desse “capital global” de acordo com as necessidades de investimento nas outras espécies de capital, tais como o cultural, o social e o escolar.

Dentro desse jogo social, os agentes são diferenciados de acordo com o seu *habitus*,¹⁰ cuja função “[...] é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...]” (Bourdieu, 2008, p. 21).

Podemos compreender o *habitus* então como o primeiro princípio que vai distinguir e separar as classes de agentes, ou seja, Bourdieu não considera o capital econômico como único mecanismo de diferenciação entre as classes e como único fator desencadeador das lutas entre as classes, mas sim a coexistência simultânea de diversos campos, portanto “[...] ele não vê uma única forma de capital, mas uma série de capitais típicos a cada campo” (Burawoy, 2010, p. 34, grifo do autor).

⁹ “[...] quanto mais importantes os recursos (econômicos e simbólicos) dos pais, mais os filhos terão chances de acesso ao ensino superior e em cursos mais seletivos, mais orientados para diplomas prestigiosos e empregos com melhor remuneração” (Grignon; Gruel, 1999, p. 193 apud Zago, 2011, p. 145).

¹⁰ “O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (Bourdieu, 2008, p. 21-22, grifo do autor).

São as diferenças, condicionadas pelos diferentes *habitus* – que por sua vez são formados pelos diferentes capitais possuídos –, que dividem os indivíduos em classes dentro de um espaço social de diferenciações. Dessa forma, Bourdieu (2007) considera que a classe social é definida “[...] pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas” (Bourdieu, 2007, p. 101).

Dentro dessa perspectiva, a classe social é construída e tem suas relações marcadas pelo próprio *habitus* de classe e “[...] não é definida somente por uma posição nas relações de produção, mas pelo *habitus* de classe que, ‘normalmente’ [...], está associado a essa posição” (Bourdieu, 2007, p. 350, grifo do autor).

Há um campo de disputas entre as classes sociais que tende a perpetuar uma disputa que objetiva conservar o *habitus* de classe na tentativa de manutenção da posição social. Não há como negar que os *habitus* são produzidos por condições econômicas e sociais que, por sua vez, são geradoras e instituidoras dos dispositivos de distinção, que tornam um grupo de agentes diferenciados, distintos em suas práticas e em seus gostos. Para Bourdieu (2007, p. 291), “[...] o gosto encontra-se na origem dessas lutas simbólicas que opõem, em cada instante, as frações da classe dominante [...]”

E é na tentativa de compreender a formação, a escolarização e a socialização desses agentes sociais a partir da escola, que os estudos sobre a escolarização das elites têm se estruturado e se apresentam como um grande desafio para as Ciências Sociais e da Educação (Cattani; Kieling, 2007).

Para Bourdieu (2004a), o investimento da família é sempre uma ação que nos leva a considerar a importância e o peso das relações entre os capitais cultural e econômico nas estratégias postas em prática no processo de escolarização. A própria constituição do *habitus*, como princípio gerador das práticas e estratégias, nos permite conhecer a visão de mundo das elites e compreender como se constituem os critérios de excelência escolar nesse campo e nesses processos que envolvem a escolarização.

Quatro publicações brasileiras: em foco as estratégias de escolarização de elites

Pensar a noção de estratégias, e aqui nos referimos às estratégias de escolarização, implica pensar em um conjunto de práticas que se configura como resultado de um *habitus* estruturado em um determinado campo. “Para Bourdieu, a maior parte das ações dos agentes sociais é produto de um encontro entre um *habitus* e um campo (conjuntura)” (Setton, 2002, p. 64).

O *habitus* é um instrumento conceitual que auxilia na compreensão de certas semelhanças nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos, que são produtos de uma mesma trajetória social (Nogueira; Nogueira, 2006). Podemos pensar o *habitus* também como um sistema de esquemas individuais, que são constituídos no âmbito social (disposições estruturadas) e no âmbito das mentes (disposições estruturantes), (Setton, 2002), e são adquiridos por meio das práticas, experiências e vivências, de acordo com as possibilidades garantidas pelos diferentes capitais (econômico, cultural, simbólico, escolar).

Sendo assim, a compreensão da noção de estratégias nos leva a pensar em ações que se conformam em um determinado momento histórico e que estão diretamente ligadas à noção de *habitus*,¹¹ que nos possibilita compreender os gostos, preferências e ações comuns a um indivíduo/grupo social, em um campo específico.

A noção de estratégia benefício [...]” (Nogueira, 2008, p. 128). A estratégia final representada pela escolha é concebida por Bourdieu pode ser interpretada como uma decisão que orienta as escolhas dos agentes. E

¹¹ Para Bourdieu (2004a, p. 84), o *habitus* é uma “[...] disposição regrada para gerar condutas regradas e regulares [...] é o princípio da maior parte das práticas.” O *habitus* funciona de acordo com o meio social e, além de ser o princípio gerador das práticas, ele é o princípio estruturador das práticas, “[...] é fundamento objetivo de condutas regulares, logo, da regularidade das condutas [...].” Ele obedece a uma “[...] lógica prática [...] que define a relação cotidiana com o mundo” (Bourdieu, 2004a, p. 98, grifo do autor).

essa escolha não é resultado do acaso, mas também não é um “[...] cálculo custo-resultado de um senso prático, que carrega o sentido do senso¹² do jogo social.

Essas ações que envolvem a estruturação¹³ das estratégias, ou seja, o ato de escolher, definir, preferir, comparar, etc. em um campo social, cultural e econômico específico, supõe e reflete a existência de um *habitus* que é o princípio gerador da própria estratégia. Dessa forma, o *habitus* pode ser entendido “[...] como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam” (Setton, 2002, p. 63).

Sendo assim, pensar o *habitus* como princípio gerador de estratégias significa entendê-lo como um mecanismo que, além de traduzir em ações as posses de capital econômico, social, cultural e escolar, pode dirigir desde o planejamento familiar com a escolha do número de filhos até a eleição do estabelecimento de ensino pelas famílias.

Bourdieu (2004a, p. 35) afirma que as famílias são animadas por uma “[...] tendência a perpetuar seu ser social [...]”, constituindo uma base para as estratégias educativas. Como podemos perceber nos estudos de Almeida (2003), Grün (2003), Prado (2008) e Nogueira (2003, 2008), as estratégias educativas identificadas nas famílias são resultados de um *habitus* individual ou de grupo, e mantêm relações diversas com o capital social, econômico, cultural, escolar e simbólico das famílias.

¹² Como “senso do jogo”, Bourdieu (2004a, p. 79) entende como o “[...] princípio real das estratégias, ou seja, o senso prático, ou, se preferirmos, o que os esportistas chamam de ‘sentido do jogo’, como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo, que se adquire pela experiência.”

¹³ “O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos. Ele é também um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas” (Vasconcellos, 2002, p. 79).

Concordamos com Cattani e Kieling (2007) que as famílias das classes dominantes brasileiras são heterogêneas, o que explica a “[...] utilização de estratégias de escolarização igualmente distintas e diversificadas” (p. 184). Nesse sentido, destacamos e analisamos alguns estudos, a fim de compreender de que maneira essa temática vem sendo tratada na pesquisa em educação e em Sociologia da Educação.

Embora ainda haja uma necessidade de ter uma “[...] maior clareza sobre as características das práticas culturais e sociais dos diferentes setores das elites” (Brandão; Lelis, 2003, p. 523), é preciso considerar que esses estudos já apresentaram avanços importantes, como podemos perceber nas pesquisas de Almeida et al. (2004), Almeida (2009), Almeida e Nogueira (2003), Brandão (2003), Nogueira, Romanelli e Zago (2008), dentre outras. Demanda, no entanto, uma

[...] necessidade de trabalhar com a escolarização das elites na sua heterogeneidade, uma vez que os volumes e as estruturas de capitais combinados das diferentes frações desse grupo social geram expectativas diferenciadas acerca do papel da escola na reprodução social desses setores (Brandão; Lelis, 2003, p. 524).

Nogueira (1995, 1997, 1998a, 1998b, 2003, 2005, 2008) e Nogueira e Aguiar (2007) desenvolveram estudos com base na tradição bourdieusiana sobre a herança cultural da família e os impactos do patrimônio cultural e econômico sobre a trajetória escolar dos filhos, o que nos instigou a construir o objeto desse estudo e nos deu subsídios para compreender os impactos que essas relações de capital cultural, econômico, social e escolar exercem no campo desta pesquisa.

Dentre as publicações selecionadas sobre a escolarização das elites, vamos apresentar primeiramente a que foi organizada por Ana Maria Almeida e Maria Alice Nogueira (2003). O livro intitulado “A Escolarização das Elites – um panorama internacional da pesquisa” possui 12 textos, dos quais cinco contemplam situações brasileiras. A primeira parte do livro trata das “Socializa-

ções familiares e processos de escolarização” e reúne seis artigos que discutem a ligação entre as socializações familiares e os processos de escolarização das elites.

No texto “A infância dos chefes: a socialização dos herdeiros ricos na França”, de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, os autores destacam a importância da educação dos filhos para a manutenção da posição social da família. A combinação entre os diferentes tipos de capitais (econômico, social, cultural, simbólico e escolar) é capaz de definir a alta sociedade, fixar limites e, quando transmitidos, garantem a permanência da presença das famílias na posição social que ocupam. (Pinçon; Pinçon-Charlot, 2003).

Nogueira (2003) realizou um estudo¹⁴ com famílias privilegiadas economicamente, mais precisamente famílias de empresários, a fim de identificar as estratégias de escolarização desse grupo de elite, analisando o papel que o privilégio econômico exerce na vida e no destino escolar dos indivíduos.

Ao demonstrar que o capital econômico não é garantia do sucesso escolar, Nogueira (2003) considera que as estratégias que o capital econômico permite acionar podem reduzir os impactos de um possível fracasso escolar. No discurso dos pais, é perceptível que eles não acreditam que a escola possa garantir uma boa posição social e econômica, mas não deixam de reconhecer o valor simbólico do certificado escolar.

Em meio às estratégias identificadas, podemos destacar a escolha dos estabelecimentos de ensino, cuja classificação levava em conta a clientela da instituição que pudesse oferecer um “[...] ambiente social seletivo, homogêneo e consoante com os padrões da família [...]” (Nogueira, 2003, p. 54). A flexibilidade no horário de trabalho também se constituiu como uma estratégia para não atrapalhar o necessário desempenho nos estudos.

¹⁴ Estratégias de escolarização em famílias de empresários.

É perceptível que os pais lançam mão de estratégias para elevar a posição da família no espaço social, o que se reflete na preparação dos filhos para assumir responsabilidades que correspondem a sua herança. A escola passa a ser relativizada como um meio para a manutenção do *status* social da família.

Grün (2003) apresenta um estudo sobre estratégias educacionais e estratégias de reprodução social em famílias de imigrantes armênios. Trata-se das estratégias utilizadas pelos pais para “[...] escolarizar seus filhos em instituições específicas e garantir a permanência da família no ramo dos negócios” (Cattani; Kieling, 2007, p. 181).

Para as famílias pesquisadas a principal fonte de *status*, assim como no estudo de Nogueira (2003), é a riqueza acumulada, e a sugestão do título¹⁵ é explicada como elementos valorizados pelas famílias de imigrantes armênios, que garantem a inserção em círculos sociais de prestígio (Grün, 2003).

Além disso, os imigrantes investem em estratégias para que os jovens filhos absorvam as heranças culturais e religiosas, bem como para que se casem com pessoas da mesma etnia. O objetivo principal da educação para esse grupo é garantir que o jovem seja capaz de operar o comércio da família, ou seja, uma formação para o trabalho. De acordo com o estudo, os imigrantes não acreditam que o diploma seria capaz de garantir o sucesso profissional, por esse motivo tinham receio de permitir que os filhos a frequentassem um curso superior.

Na segunda parte do livro “Instituições e modos de escolarização”, estão reunidos sete artigos que tratam do funcionamento das instituições escolares destinadas aos grupos dominantes e os modos de escolarização que elas oferecem às crianças e jovens advindos das famílias pertencentes a esses grupos.

¹⁵ Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping: estratégias educacionais e estratégias de reprodução social em famílias de imigrantes armênios.

O texto “Internatos americanos e ingleses: um estudo comparativo sobre a reprodução das elites” de Cookson Jr. e Persell (2003), trata de um estudo realizado em um internato norte-americano e em um internado inglês, frequentado pelas elites, e estabelece comparações entre diversos aspectos, como direção, disciplina, currículo e estilos de ensino entre os dois internatos.

O estudo apresenta a percepção de que as escolas tendem a treinar e socializar os jovens no mundo material e simbólico da geração dos seus pais. “A posição de classe é fortalecida por experiências educacionais e culturais que criam um sentimento de pertencimento ao grupo de status. Um ‘grupo de status’ é um grupo de pessoas que experimentam uma similaridade social” (Cookson JR.; Persell, 2003, p. 105).

Almeida (2003) discute¹⁶ as relações entre a escolarização e estratificação social tendo como referência um colégio da cidade de São Paulo que, entre seus estudantes, atende à alta classe média e uma “[...] certa burguesia ilustrada” (p. 135). O estudo mostra, entre outros aspectos, que o destino escolar desses estudantes está voltado para a aprovação no vestibular para as carreiras mais seletivas da Universidade de São Paulo.

Tendo como lócus uma escola encarregada da escolarização de crianças e jovens oriundas dos grupos dirigentes da elite paulista, o estudo apresenta as famílias como grandes investidoras na instituição escolar e nas suas estratégias de inserção social. É importante destacar que aqui, predominantemente, é a instituição escolar que aciona as estratégias necessárias para a formação desses estudantes.

A escola oferecia um espaço propício para a constituição de redes de influência, relações de amizade que pudessem resultar em alianças matrimoniais, aprendizagem dos modos de gestão das relações, como tratar pessoas e liderar grupos de trabalho, além de apresentar os elementos necessários “[...]”

¹⁶ Um colégio para a elite paulista.

para o desenvolvimento de estilos de vida associados, na fórmula weberiana, a posições de *status* concretizadoras das fraturas sociais” (Almeida, 2003, p. 137, grifo da autora).

Outra coletânea importante é a obra intitulada “Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares”, organizada por Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (2008). Embora não esteja voltada especificamente para as elites, apresenta estudos sobre as camadas médias. Trata-se de um conjunto de pesquisas empíricas voltadas para a investigação sobre as relações que as famílias mantêm com a escola no processo de escolarização dos filhos.

Nogueira (2008) realizou uma pesquisa¹⁷ com estudantes universitários, cujos pais são pesquisadores e professores universitários diplomados, destacando a importância da atuação do capital cultural familiar na vida dos filhos e o reflexo disso na escolarização, bem como os recursos e estratégias empregadas pelos pais visando a aperfeiçoar o capital escolar e o rendimento da escolarização dos filhos.

Ao trabalhar com as trajetórias escolares dos estudantes, a autora teve a pretensão de conhecer os mecanismos que tornam o capital cultural familiar proveitoso para a escolarização. Ela quis “[...] observar como se dá o processo de conversão de capital cultural em capital escolar” (Nogueira, 2008, p. 150).

A referida autora trata a estratégia como expressão do *habitus*, ou seja, como decisões advindas do ato de comparar, raciocinar, prever e calcular. É a prática, resultado do *habitus*, que “[...] fundamenta a noção de estratégia, que pode ser individual ou coletiva, e visa à manutenção, apropriação ou expansão do capital disponível e desejado” (Gonçalves; Gonçalves, 2010, p. 55).

¹⁷ “A construção da excelência escolar” – um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas.

De acordo com Bourdieu (2008, p. 35), “As famílias são corpos [...] animados por uma [...] tendência a perpetuar seu ser social, com todos seus poderes e privilégios, que é a base das [...] estratégias educativas.” Dessa forma, é a família que realiza os investimentos educativos que permitem a transmissão do capital cultural durante o processo de socialização dos filhos. Essa transmissão inclui gostos, saberes, valores, práticas e também expectativas quanto ao futuro profissional, bem como a relação que a família mantém com a escola.

Entre as principais estratégias encontradas pela pesquisadora estão os cursos de línguas estrangeiras, intercâmbios culturais, estadas no exterior com continuidades e conclusão de cursos em níveis fundamental e médio, além de estágios no decorrer dos cursos de Graduação. Em muitos casos essas experiências foram produtos da vida acadêmica dos pais nos cursos de Doutorado e Pós-Doutorado.

Nogueira (2008) destaca que essas famílias se beneficiam de uma forma de capital que não se reduz ao capital cultural, mas trata-se de um patrimônio que decorre de sua condição de produtores de saber, de sua relação profissionalizada com ele, e que pode ser investido lucrativamente na escolaridade dos filhos.

O processo de aquisição do *habitus* familiar, por parte dos jovens, se expressa por meio da valorização dessas atividades e, na maior parte dos casos, pela adesão a elas. A realização dessas atividades suplementares aumenta as chances de direcionamento dos estudantes para os cursos de Pós-Graduação, imediatamente após a conclusão da Graduação.

Para Nogueira (2008) foi possível perceber, por meio dessa pesquisa com as camadas médias intelectualizadas, que o grande diferencial da excelência escolar alcançado por muitos se dá em virtude desse grupo saber tirar proveito das oportunidades, das informações sobre o sistema educativo, e dos trunfos e recursos disponíveis em cada conjuntura particular do campo escolar em favor do destino escolar dos filhos.

Prado (2008) apresenta uma pesquisa¹⁸ sobre a internacionalização dos estudos por intermédio dos intercâmbios culturais considerados aqui como estratégias educativas para ampliação do rendimento intelectual dos filhos. Entre outros questionamentos, a pesquisa buscou elucidar quem são as famílias que enviam seus filhos para os intercâmbios culturais em outros países e quais as consequências das experiências obtidas para a sua trajetória escolar após o retorno ao Brasil.

A hipótese apresentada pela autora é de que esse objeto de análise está inserido em um “conjunto de estratégias educativas familiares que visam elevar o rendimento intelectual e escolar de seus filhos” (Prado, 2008, p. 158). Prado (2008) demonstra que é possível compreender a estratégia dos intercâmbios culturais como um consumo distintivo que possibilita uma experiência de vida enriquecedora, que vai muito além de uma mera estratégia utilitarista para obtenção do sucesso escolar.

Isso nos remete à Bourdieu (2007), quando ele diz que a maneira de utilização dos bens simbólicos, principalmente aqueles que são considerados como atributos de excelência, “[...] constitui um dos marcadores privilegiados da ‘classe’, ao mesmo tempo que é o instrumento por excelência das estratégias de distinção [...] da ‘arte infinitamente variada de marcar as distâncias’” (Bourdieu, 2007, p. 65).

A estratégia de intercâmbio se apresenta como um consumo distintivo na escolarização desses jovens, haja vista a diferença que o estudo da língua estrangeira e o contato com outras culturas vai fazer na competitividade escolar. A hipótese apresentada pela autora é de que essas famílias devem sua posição social aos estudos (capital escolar) e, nesse sentido, os intercâmbios se configuram como estratégias para reprodução e manutenção do patrimônio cultural e social da família (Prado, 2008).

¹⁸ Em busca do primeiro mundo – intercâmbios culturais como estratégias educativas familiares.

A terceira obra selecionada foi organizada por Ana Maria Almeida et al. (2004), cujo título é “Circulação Internacional e Formação Intelectual das Elites Brasileiras”. Os textos selecionados dessa obra compreendem pesquisas que tiveram como objeto de estudo as estratégias de internacionalização dos estudos, tendo como base as posições ocupadas por determinados grupos familiares no campo da educação, bem como a possibilidade de utilização dos recursos culturais, sociais e econômicos durante o processo de saída do Brasil e de entrada em outro universo cultural pelos estudantes.

Almeida (2004) apresenta um estudo¹⁹ que tem como discussão central a função exercida pelo sistema educacional como reprodutor das desigualdades entre os grupos sociais. Ela analisa a seleção social que é feita pelos vestibulares e mostra como a competência na língua portuguesa se tornou uma habilidade valorizada, além de uma estratégia para obtenção de títulos universitários de prestígio social.

O estudo²⁰ de Prado (2004) é um recorte da sua tese de Doutorado e analisa as estratégias de intercâmbio para aprendizagem da língua estrangeira. Nesse contexto, a procura por países de língua inglesa foram indicados por 85% dos estudantes pesquisados. Entre outras análises, o estudo aponta a distinção que a competência linguística é capaz de acrescentar na trajetória escolar desses estudantes, uma vez que o estudo da língua estrangeira, por meio dos intercâmbios, se configura como uma estratégia de peso, que pode garantir chances de acesso a posições de poder.

Nogueira (2004b) apresenta um estudo²¹ que faz parte da sua pesquisa sobre elites econômicas, o qual analisou as trajetórias escolares de famílias de empresários de Minas Gerais. A pesquisa mostra que a importância dos deslocamentos para o exterior tem crescido entre os jovens economicamente favorecidos.

¹⁹ Língua nacional, competência escolar e posição social.

²⁰ Um aspecto do estudo de línguas estrangeiras no Brasil: os “Intercâmbios”.

²¹ Viagens de estudos ao exterior: as experiências de filhos de empresários.

A autora, no entanto, mostra que é preciso reconhecer que há uma diferenciação das práticas e das estratégias de acordo com o tipo de favorecimento social de cada grupo.

As elites econômicas têm certa facilidade em atravessar as fronteiras. Com base nas entrevistas, Nogueira (2004b) percebeu que a motivação dos pais não estava diretamente associada a uma oportunidade de formação intelectual, mas sim à possibilidade da construção de certo “capital cosmopolita”, que poderia garantir aos filhos o prestígio social.

E, por fim, a última obra e não menos importante, “As escolas dos dirigentes paulistas: Ensino Médio, vestibular e desigualdade social”, publicada por Ana Maria Almeida (2009), é resultado de uma pesquisa feita com três colégios considerados de alto nível na cidade de São Paulo, que tiveram suas histórias ligadas à história dos grupos sociais que desempenharam posições dominantes na sociedade brasileira, que ela considera no estudo como sendo o grupo dos dirigentes paulistas.

O estudo destaca que os três colégios pesquisados possuem um modelo de ensino que permanece desde o século XIX, o qual revela e celebra a “tradição cultural ocidental”, mas que também são distintos entre si, pois cada colégio é “[...] fruto da diversidade de disposições, das expectativas e das maneiras de agir dos diferentes tipos de famílias que os procuram” (Canêdo, 2009, p. 14).

Apresentando uma análise minuciosa de cada colégio, Almeida (2009) deixa claro que um colégio privado, considerado de “qualidade”, só pode ter essa ideia concretizada se houver um trabalho conjunto dos professores, dos pais, dos gestores e dos estudantes. “[...] são investimentos coletivos ou individuais, episódicos ou contínuos que dão corpo a estas escolas e as fazem existir socialmente” (Canêdo, 2009, p. 14).

Um dos colégios destina-se a atender os filhos de uma alta classe média ilustrada, por onde já passou pelo menos três gerações dessas famílias. O segundo é conhecido como o colégio que prepara os estudantes para os cursos de maior prestígio da USP: Engenharias e Medicina, e recebe filhos de famílias

que pertencem às camadas médias. O último colégio analisado recebe filhos de executivos e profissionais liberais, e também se caracteriza como potencial de aprovação nos vestibulares, além de ser administrador de alguns testes de seleção para universidades norte-americanas.

Cada escola analisada define um tipo de ensino particular, que é um elemento decisivo para constituir uma clientela interessada e que contribui para seu posicionamento no mercado escolar. Em resumo, a análise desses três colégios visou a focalizar as experiências de escolarização que as famílias mais privilegiadas (econômica, social e culturalmente) podem proporcionar aos seus filhos, no intuito de prepará-los para as posições dirigentes.

Os colégios então contribuem para uma interiorização de disposições que definem, para cada grupo social, “[...] o espaço do possível em termos de estilos de vida e maneira de se ver o mundo”, o que permite visualizar como o sistema de ensino tem contribuído para concretizar as desigualdades que são verificadas nas estatísticas oficiais (Almeida, 2009, p. 179).

Todos os estudos relacionados anteriormente têm suas análises pautadas na perspectiva bourdieusiana e evidenciam esse posicionamento teórico. Entendemos que seria necessária uma análise mais aprofundada de cada trabalho para relacionar aqui de que forma os conceitos bourdieusianos têm sido tratados nesses estudos. A nossa leitura, porém, mesmo não sendo tão aprofundada, já permitiu visualizar que os estudos sobre as estratégias de escolarização das elites constituem um objeto de pesquisa que tem sido tratado com bastante seriedade e propriedade teórica.

Temos consciência da complexidade que permeia a teoria bourdieusiana, da necessidade de atenção e concentração que a sua leitura exige para compreensão. Concordando com Felipe (2010, p. 163), acreditamos que o “[...] mais difícil não é compreender os conceitos, é operacionalizá-los [...]”, pois trabalhar com Bourdieu é aprender a fazer a análise numa perspectiva relacional.

Notas finais

Como podemos perceber, as publicações que focalizam a escolarização das elites ainda estão em fase de consolidação na Pesquisa em Educação e em Sociologia da Educação no Brasil. A partir do conhecimento dos estudos que vêm sendo desenvolvidos, foi possível ter um panorama das diversas possibilidades de pesquisa que essas análises suscitam.

As pesquisas destacadas neste estudo nos mostram que há diferentes tipos de elite, que possuem peculiaridades específicas. Há uma elite econômica que busca o capital escolar e o capital social, e há uma elite escolar que busca o capital cultural e social e que deve o seu nível de capital econômico à posse do capital escolar.

O capital cultural possuído e mobilizado pela família no processo de escolarização, nos remete ao reconhecimento da importância da ação da família no processo de socialização, que compreende uma ação de transmissão de valores, saberes e práticas distintas. Entendendo a família como a base das estratégias de reprodução, sabemos que elas “[...] investem mais na educação escolar [...] quanto mais importante for seu capital cultural e quanto maior for o peso relativo de seu capital cultural em relação a seu capital econômico [...]” (Bourdieu, 2008, p. 36).

Singly (2007) considera que o capital dominante na sociedade hoje é o capital escolar. A sociedade é regida pelo modo de produção que têm sua base na educação escolar, nos títulos escolares. De acordo com as condições específicas de cada grupo familiar e com base nos capitais possuídos, as “estratégias educativas de mobilização” têm como objetivo garantir a manutenção ou melhoria da posição dos agentes nos campos onde são acionados.

Dessa forma, é o capital escolar que vai mobilizar uma pluralidade de recursos materiais, culturais, simbólicos e econômicos que, em última instância oferecem condições muito particulares de “[...] ampliação do *habitus*, acrescentando-lhes condições de manter ou melhorar as posições de distinção relativa que ocupam nos campos sociais.” (Brandão; Martinez, 2006, p. 16).

Para Bourdieu (2007, p. 112) “[...] o sucesso escolar depende, principalmente, do capital cultural herdado e da propensão a investir no sistema escolar [...]” Nessa perspectiva, o sucesso escolar está amplamente associado ao *background* social e também à origem familiar dos estudantes, que mobilizam os diversos tipos de capitais que possuem com vistas a garantir o sucesso escolar dos estudantes.

Longe de esgotar as problematizações e análises a respeito desse estudo, acreditamos que a compreensão das estratégias de escolarização nos permite perfurar uma visão de mundo, de si e dos outros que é construída pela elite e de que maneira essa visão, que não deixa de ser um mecanismo de dominação sobre os outros, interfere diretamente no processo de escolarização.

Referências

ALMEIDA, A. M. F. *As escolas dos dirigentes paulistas: Ensino Médio, vestibular, desigualdade social*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

ALMEIDA, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2003.

ALMEIDA, Ana Maria F. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir. (Org.). *Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ALMEIDA, Ana Maria. Um colégio para a elite paulista. In: ALMEIDA, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ALMEIDA, Ana Maria et al. (Org.). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

ALMEIDA, Ana Maria. Língua nacional, competência escolar e posição social. In: ALMEIDA, Ana Maria et al. (Org.). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

BOTTOMORE, T. B. *As elites e a sociedade*. Tradução Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

BOURDIEU, P. *A distinção: a crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução Denice Bárbara Cattani. São Paulo: Unesp, 2004b.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9. ed. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2008.

BRANDÃO, Zaia. *Escolarização das elites: rendimento escolar do mundo natal*. Relatório Técnico. Departamento de Educação/PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/Ie7HfL>>. Acesso em: 15 fev. 2010.

BRANDÃO, Zaia; LELLIS, Isabel. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 83, ago. 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/OemLJC>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

BURAWOY, Michel. *O marxismo encontra Bourdieu*. Tradução, referências bibliográficas e notas Fernando Rogério Jardim. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

CANÊDO, Letícia Bicalho. Prefácio. In: ALMEIDA, A. M. F. *As escolas dos dirigentes paulistas: Ensino Médio, vestibular, desigualdade social*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

CATTANI, Antônio David; KIELING, Francisco dos Santos. A escolarização das classes abastadas. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 18, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/PGSW4n>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

COOKSON JR. Peter W.; PERSELL, Caroline H. Internatos americanos e ingleses: um estudo comparativo sobre a reprodução das elites. In: ALMEIDA, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, Luiz Domingos; GOUVÊA, Julio Cesar. Elites e historiografia: questões teóricas e metodológicas. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 28, jun. 2007. <<http://bit.ly/RDqHaa>>. Acesso em: 5 ago. 2011.

COSTA, Marcio da. Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, dez. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/OMSoc7>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

FELIPE, Luiza Helena Lamego. *As escolhas de escolas de excelência no Ensino Fundamental na cidade do Rio de Janeiro: as estratégias em jogo no campo educacional*. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/Uqqzux>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

GONÇALVES, Nádía G.; GONÇALVES, Sandro A. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GRÜN, Roberto. Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping: estratégias educacionais e estratégias de reprodução social em famílias de imigrantes armênios. In: ALMEIDA, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

MARTINEZ, Paulo. *A teoria das elites*. São Paulo: Scipione, 1997.

MILLS, Wright. *A elite do poder*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. *Revista Brasileira de Educação*, n. 7, jan./mar. 1998a. Disponível em: <<http://bit.ly/KWVj52>>. Acesso em: 16 dez. 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, v. 40, 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/OWni5J>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. *Paidéia*, v. 8, n. 14-15, fev./ago. 1998b. Disponível em: <<http://bit.ly/TWAMN2>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade e Culturas*, Portugal, n. 7, maio. 1997. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice. Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In: ALMEIDA, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção. *Educação e Realidade*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, jan./jun. 1995.

NOGUEIRA, Maria Alice. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 26, maio./ago. 2004a. Disponível em: <<http://bit.ly/PGUM5b>>. Acesso em: 16 dez. 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 3, 1991.

NOGUEIRA, Maria Alice. Viagens de estudos ao exterior: as experiências de filhos de empresários. In: ALMEIDA, Ana Maria et al. (Org.). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004b.

NOGUEIRA, Maria Alice; AGUIAR, Andréa Moura S. Estratégias educativas de grupos socialmente favorecidos: o internacional como capital. *Temas em Educação*, Paraíba, v. 16, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. *Bourdieu e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PERISSINOTTO, Renato M.; CODATO, Adriano. Por um retorno à Sociologia das elites. *Revista de Sociologia e Política*, v. 16, n. 30, jun. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/TfQreD>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. A infância dos chefes: a socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

POCHMANN, M. et al. (Org.). *Atlas da exclusão social: os ricos no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PRADO, Ceres Leite. Em busca do primeiro mundo: intercâmbios culturais como estratégias educativas familiares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRADO, Ceres Leite. Um aspecto do estudo de línguas estrangeiras no Brasil: os “intercâmbios”. In: ALMEIDA, Ana Maria. et al. (Org.). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

ROMANELLI, Geraldo. Família de camadas médias e escolarização superior dos filhos: o estudante-trabalhador. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/LemB3M>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

VASCONCELLOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação e Sociedade*, n. 78, abr./2002. Disponível em: <<http://bit.ly/QkgTRu>>. Acesso em: 25 ago. 2001.

ZAGO, Nadir. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: questionamentos e tendências em Sociologia da educação. *Revista Luso-Brasileira de Sociologia da Educação*, Rio de Janeiro, n. 3, mar. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/li5CPi>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

ZAGO, Nadir. Processo de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.